



Centro Universitário de Brasília -- UniCeub

Faculdade de Tecnologias e Ciências Sociais -- FATECS

YANA CARLA MONTEIRO LOPES

NATUREZA BRUTA

Um ensaio sobre rochas

**Brasília
2016**

YANA CARLA MONTEIRO LOPES

NATUREZA BRUTA

Um ensaio sobre rochas

Projeto de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da Faculdade de Tecnologias e Ciências Sociais do Centro Universitário de Brasília - UniCeub.

Orientador: Professor Lourenço Cardoso

**Brasília
2016**

YANA CARLA MONTEIRO LOPES

NATUREZA BRUTA

Um ensaio sobre rochas

Projeto de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da Faculdade de Tecnologias e Ciências Sociais do Centro Universitário de Brasília - UniCeub.

Orientador: Prof^o Lourenço Cardoso

Brasília, 22 de junho de 2016

Banca Examinadora

Professor André Ramos

Professor Lourenço Cardoso

Professor Roberto Lemos

AGRADECIMENTO

O agradecimento é como uma flor que se abre a mágica de um sorriso.

Há quase dois anos atrás, eu escolhi um caminho na vida que mudou tudo, uma relação que me ensinaria para sempre.

Por essa escolha, sou grata antes de qualquer coisa a Deus. Eu não sei sobre a concepção da fé de quem está lendo essa dedicatória, mas para mim, Ele é a centelha da grandeza que compõe esse universo. Essa grandeza me move e dotou-me de sensibilidade para perceber a natureza e me apaixonar por essa experiência de subir a rocha.

Gostaria de agradecer também, aos meus pais, em especial minha mãe, por sempre estar ao meu lado e pela paciência em relação à ausência e aos inconstantes jeitos de ser de uma vida inteira;

Aos meus amigos e irmãos escaladores, que se somam a coisa incrível que é a vida no climb; Em especial à Debora Nasciutti, Alisson Ismael e Guilherme Silvano por me adotarem de coração e por me ensinar e orientar sobre os riscos e a responsabilidade de viver a escalada; Ao Thiago Meneses, Felipe Sousa e Luis Schaefer, por me motivar a nunca parar de aprender, e por me auxiliar tanto no início desse caminho; À Gabriela Cunha e Kallen Oliveira, pela grandeza e respeito em relação à rocha, são minhas irmãs de coração e eu as amo infinitamente. À Julia Nogueira e Branca Franco por serem meu parâmetro sobre quem eu gostaria de me tornar como escaladora e porque a sinceridade de vocês com a escalada me encanta. Ao Fábio Fleury por todo o apoio e disposição em me ajudar nesse projeto e por ter acreditado nesse material; ao Gustavo Rosa pela paciência e por toda a revisão de conteúdo de última hora; Ao Gabriel Veloso pela gentileza em relação às traduções e por toda a parceria ao longo do tempo, - você já contribui muito mais que você imagina para minha jornada. E aos muitos outros que não foram citados, mas me auxiliaram nos bondes, nas segues e na vibe.

E ainda aos meus professores, em especial ao professor Lourenço Cardoso e Andre Ramos pela orientação, e a todos os demais que de alguma forma fizeram parte deste projeto.

Obrigada! Foram vocês que contribuíram para esse livro acontecer.

A montanha tornou-se essência como a própria existência. São muitas formas de se perceber como parte da natureza e das coisas, a liberdade de estar ali, chega a ter cheiro. É um estado de espírito que eu jamais seria capaz de descrever. E eu não sei o quão mais complexo é a natureza bruta da natureza humana, mas eu sei que ela realmente me absorve.

Yana Carla Monteiro Lopes

RESUMO

O projeto em questão é um livro de fotografias. Todas as fotos contidas no livro são da autora e os conteúdos técnicos referentes aos lugares fotografados, foram desenvolvidos com o apoio do aluno Fábio Fleury e Gustavo Rosa, do curso de geologia da Universidade de Brasília. Uma proposta de incentivo ao esporte e divulgação local, através da apresentação fotográfica de um espaço específico, propondo um olhar utilitário enquanto ponto de escalada, e valorização da área explorada. A fim de valorizar a escalada local, agregar no patrimônio da comunidade escaladora do país e disseminar e produzir material para todos os atletas e curiosos, locais ou estrangeiros, que sejam ativos ou queiram conhecer o esporte.

Palavras-chave: Escalada. Rocha. Natureza. Fotografia. Ensaio.

ABSTRACT

This project is a Photo Book. All the photos in the book are from the author and the technical content referring to the photographed places were developed with the support of students Fábio Fleury and Gustavo Rosa from the Geology graduation department of Universidade de Brasília. It is a proposal to encourage the sport and local dissemination through photographic presentation of a specific space, proposing a look utility while climbing point, and appreciation of the explored area. In order to enhance the local climbing, add the heritage of the country climber community and disseminate and produce material for all athletes and onlookers, local or foreign, who are active or want to know the sport.

Keywords: climbing. Rock. Nature. Photography.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	PROBLEMATIZAÇÃO	9
3	CONTEXTUALIZAÇÃO	10
4	JUSTIFICATIVA	12
5	OBJETIVOS	13
5.1.	GERAL	13
5.2.	ESPECÍFICOS	13
6	REFERENCIAL TEÓRICO	14
6.1	HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA	14
6.2	A FOTOGRAFIA COMO LINGUAGEM	16
6.3	FOTOGRAFIA ESPORTIVA	19
6.4	ESCALADA OU ALPINISMO	20
7	DIÁRIO DE BORDO	23
8	FICHA TÉCNICA	25
9	CRONOGRAMA	26
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

Este projeto consiste na documentação dos principais pontos de escalada dos arredores do planalto central, na região centro oeste do Brasil. Um diálogo entre a natureza e a fotografia com objetivo de produzir conteúdos que possa atender a demanda e o interesse dos escaladores profissionais e amadores de qualquer parte do mundo. Um acervo de imagens que apresente o potencial do desporto na região, contendo informações técnica, que agregam valor de conhecimento aos leitores.

O livro foi elaborado no intuito de divulgar e desenvolver material para todos os atletas e apreciadores do esporte. A fim de valorizar a escalada local, agregar ao patrimônio da comunidade escaladora do país e apresentar o perímetro dos arredores do planalto central a todos os escaladores do Brasil e do mundo. Todos os conteúdos terão a disposição tradução dos textos para o inglês ampliando o leque de influência do material.

A Feitura do mesmo visa ainda, uma proposta visual livre de elementos que possam confundir a leitura do espectador. Pontuando a problemática da polissemia das imagens, composta pela recepção do observador que constrói a foto e a interpretação do leitor, baseado nas suas referências de mundo.

Foi considerada também, a relevância da construção de conteúdos exclusivos para o livro. Todo o referencial técnico geológico do projeto foi escrito com o apoio do aluno Fábio Fleury e Gustavo Rosa do curso de Geologia da Universidade de Brasília, visando à unidade e valorização do projeto como patrimônio para comunidade escaladora do país.

Foram incorporados mapas e fotos técnicas, para melhor posicionamento do leitor em relação à localização geográfica e entendimento técnico sobre os conteúdos propostos.

2 PROBLEMATIZAÇÃO

O século XXI foi desenhado em cima de grandes transformações em diferentes cenários políticos, econômicos, sociais e culturais, englobando principalmente a transformação da comunicação no mundo, que evoluiu e ganhou dimensões imensuráveis.

A fotografia desembarca nesse contexto adotando papel fundamental, já que a globalização e a tecnologia digital lhe atribuíram uma grande multifuncionalidade. Essa atribuição lhe agregou um grande valor utilitário enquanto ferramenta para os dias atuais.

Por outro lado, o mundo, principalmente o ocidente, está passando por uma série de transformações no seu estilo de vida. O avanço desenfreado da globalização e o crescimento sufocante do capitalismo têm aberto espaço para uma reflexão sobre o modo de viver do ser humano. O que faz com que as pessoas busquem atividades que melhorem sua saúde mental, e trabalhe em melhor equilíbrio com o seu meio natural.

Desse modo a escalada ganha espaço e esta se difundindo, não só no local de referência do projeto, mas em todo o Brasil. Um desporto que abrange toda a questão “sustentável” dos últimos anos. Valorizando e incentivando as boas práticas de saúde, a prática desportiva, o cuidado com o meio ambiente, a alimentação equilibrada e a consciência sócio ambiental.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO

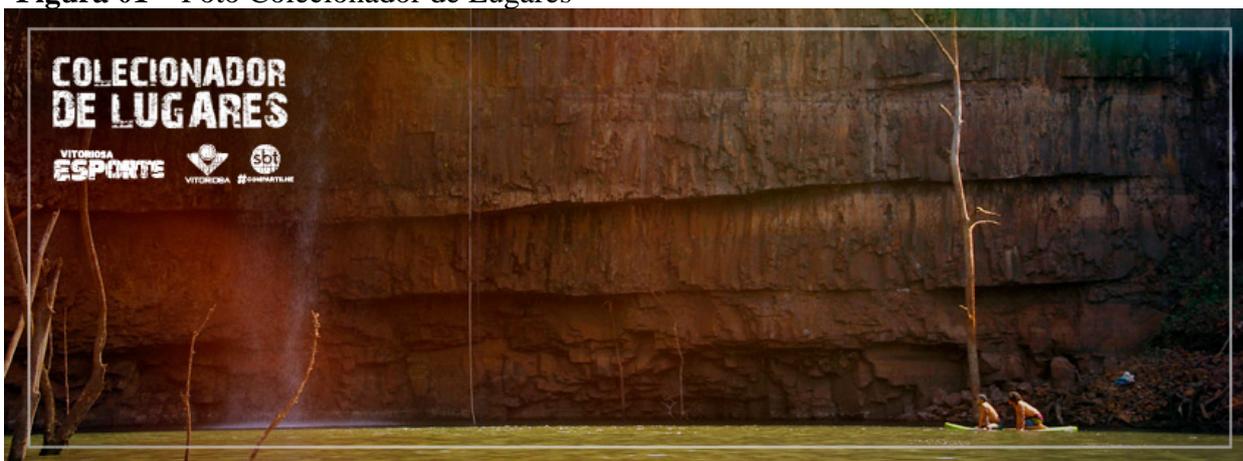
O digital revolucionou o ato de reproduzir imagens, e a fotografia se firmou como linguagem no universo contemporâneo, redefinindo os padrões da cultura visual do ocidente e as fronteiras do desconhecido, principalmente no que tange distancias geográficas.

Neste projeto as fotos são um filtro sobre o universo de rochas distribuídas nos arredores do planalto central, uma composição que de longe descreve com precisão a real dimensão e capacidade a ser explorada nesta localização. Um experimento visual de um universo com amplitudes muito maiores que o apresentado.

Um ensaio que toma emprestado não só a beleza dos espaços, mas insere nele a ação dos atletas dentro dos seus respectivos habitat, assim como propôs o fotógrafo Peruzzo Prz em suas fotos do quadro jornalístico Vitoriosa Esporte, da TV Vitoriosa “Colecionador de Lugares”. Um projeto sem roteiro definido em que os irmãos uberlandenses Peruzzo e Karu Peruzzo mostravam locais às vezes conhecidos, mas de formas diferentes.

Peruzzo é natural de Araguari (MG), cresceu em Uberlândia (MG). Desde criança aprendeu a se relacionar com a natureza, principalmente por ter vivido toda sua infância de pés nos chão, tomando banho de córrego e dormindo com as estrelas, na chácara dos avos em Ituiutaba (MG). Sua lente é seu olhar sobre sua profunda admiração, respeito e honra pelo sistema vivente - terra. Começou a fotografar entre os 15 anos de idade, com uma câmera analógica Nikon F401, que tomou emprestado e nunca mais devolveu. Esta máquina fora usada para fotografar uma viagem, na qual retornou com sete rolos de filme para revelar. De acordo com Peruzzo, a fotografia é uma das suas ferramentas na sua coleção pessoal de livros vivos, onde além de cultivar frames, também cultiva sua paixão pela escalada, sendo sua outra ferramenta contida na sua biblioteca viva. Escalador há seis anos Peruzzo tenta mostrar nos seus registros algo muito além da conexão com o esporte, tenta inserir também a pequenez humana diante da gigantesca magnitude da terra e do universo. Conforme e-mail pessoal encaminhado à autora deste projeto, Peruzzo define a inspiração do seu trabalho à sua família, sendo sua companheira de jornada sua esposa Erynne, a terra, o universo, a simplicidade e os seres humanos anônimos que acordam todos os dias.

Figura 01 – Foto Colecionador de Lugares



Disponível em:

<<https://www.facebook.com/colecionadordelugares/photos/a.467583593378683.1073741827.467582506712125/511202752350100/?type=3&theater>> Acesso em 29 maio 2016.

4 JUSTIFICATIVA

A fotografia é uma linguagem de abrangência em que “se realiza em um espaço de tempo muito curto, sendo esta particularidade resumo de toda sua singularidade e complexidade” (GURAN, 2012 p,28) expondo de diferentes formas objetos e contextos. Decifrando e flagrando situações e formas de existência. “Seu papel mais importante como método de observação, convém sublinhar, não é apenas expor aquilo que é visível, mas, sobretudo, tornar visível o que nem sempre é visto. (GURAN, 2012 p,77)

Paralelo a isso e longe de ter uma cultura semelhante aos países da Europa e dos Estados Unidos, a prática de escalada sobe em um ritmo acelerado no Brasil. Muitas instituições têm sido criadas no intuito de agregar ao esporte, entre elas a Associação Brasileira de Escalada Esportiva (ABEE), sendo esta formada por escaladores com representantes e associados distribuídos pelo Brasil. Com o objetivo comum e específico de desenvolver o esporte em âmbito nacional de acordo com a ABEE. A Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada (CBME), criada em 2004, por 36 entidades, agrupadas nas seguintes agremiações: Federações de Montanhismo dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Ceará, e as Associações Capixaba de Montanhismo, Associação de Escaladores do Planalto Central, Associação Paraibana de Escalada e Associação de Escaladores do Rio Grande do Norte.

A partir daí propõe-se um manual fotográfico e impresso, sobre os principais pontos de escalada dos arredores do planalto Central, abrangendo a eficácia da fotografia como linguagem e o esporte como mercado em ascensão, designando importância ao material não só pela proposta de produto, mas por toda a significação do conteúdo em relação à valorização local do esporte, e o valor agregado ao patrimônio da comunidade escaladora do país.

5 OBJETIVOS

5.1. GERAL

O Objetivo desse trabalho é representar fotograficamente os principais pontos de escalada distribuídos nos arredores do planalto central, na região centro oeste do Brasil, a fim de valorizar a escalada local, agregar no patrimônio da comunidade escaladora do país e disseminar e produzir material para todos os atletas e curiosos, locais ou estrangeiros, que sejam ativos ou queiram conhecer o esporte.

5.2. ESPECÍFICOS

1. Elaborar um projeto de fácil acesso e eficaz, à todos os atletas e curiosos, locais ou estrangeiros, que sejam ativos ou queiram conhecer o esporte;
2. Agregar no patrimônio da comunidade escaladora do país;
3. Valorizar a escalada local;
4. Estimular desejo aos expectadores através da linguagem e estética do livro;
5. Tornar-se referência em produto para futuros trabalhos de Conclusão de Curso em relação ao tema abordado.

6 REFERENCIAL TEÓRICO

6.1 HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA

A fotografia é uma técnica ou efeito de criar imagens a partir da luz e sintetizá-la em uma superfície fotossensível. Ela pode ser criada a partir dos mais variados tipos de luz, seja ela natural (luz do sol ou lua, fogo e outros) ou artificial (luzes, flashes, lanternas e outros) através de um suporte fotográfico denominado câmera.

A palavra 'fotografia' é formada pelo prefixo 'foto', que significa luz, e pelo sufixo 'grafia', que significa desenho ou escrita. Portanto, numa definição simplista, fotografia significa "desenhar com luz" ou "escrever com luz". Ou seja, fotografia é um método de registro de imagens através da projeção da luz sobre uma superfície foto-sensível. (FRÓIS, 2009)

As primeiras imagens que se tem conhecimento são as pinturas rupestres da pré história. A fotografia surge somente na idade média, pelo francês Joseph Niépce, que historicamente criou em 1826 a primeira fotografia, através da câmera escura ou caixa preta, com um pequeno buraco no centro. A fotografia em preto e branco é o retrato da vista de uma janela e ficou conhecido como heliografia.

Figura 02 --“View from the Window at Le Gras” (“Vista da janela no Le Gras”), de Joseph Nicéphore Niepce, de 1826.



Díspõnível em: <<http://www.manualdomundo.com.br/2013/10/qual-foi-a-primeira-fotografia-tirada-do-mundo-2/>> Acesso em 25 maio 2016.

Uma década depois, em 1839 o francês Louis Daguerre aperfeiçoou a criação de Niépece e criou o daguerreótipo, uma versão mais elaborada da câmera escura; nessa mesma época o inglês Henri Foz Talbot entra em cena e desenvolve a imagem em negativo, possibilitando assim fazer cópias das fotos.

Antes de a fotografia surgir, a câmera escura já era utilizada por artistas tais como os italianos Leonardo Davinci e Michelangelo Caravaggio, e isso nos mostra que o processo de invenção e aperfeiçoamento da fotografia foi a junção de vários conhecimentos e múltiplos trabalhos.

A grande revolução causada pela invenção da fotografia foi na verdade, não o mecanismo/aparato de captação, que já era conhecido, mas sim a criação de um suporte químico sobre o qual a imagem projetada pudesse ser fixada sem precisar que o artista realizasse um desenho manual sobre o suporte. (ANJOS, 2012 apud CORRÊA, 2013, p.12)

Os avanços voltados para a reprodução de imagens foi bastante lento, registrar imagens, ainda era um trabalho demorado, que exigia técnica e conhecimento químico. A fotografia colorida só foi apresentada ao mundo em 1861 pelo físico James Clerk Maxwell com o método das três cores. Posterior a ele, surgem os irmãos franceses Auguste e Louis Lumière no século XX que inventaram “o cinematógrafo em 1896 e se dedicaram a outros inventos, como o autochrome ou autocromo, primeiro processo de fotografia colorida, a placa fotográfica seca, a fotografia em relevo e o cinema em relevo” (PORTO [2006?]).

Nesse mesmo século, em 1888 entra em cena George Eastman e lança a “Kodac Nº 01, câmera portátil de fácil manuseio” que ficou eternizada até os dias atuais pelos amantes da fotografia analógica.

Com este sistema de prestação de serviço Eastman dissemina a fotografia para aqueles que desejavam apenas tirar fotos sem ter que se preocupar com infraestrutura como lugar escuro, emulsionar vidro ou papel, para muitos só interessavam a foto e foi isto que Eastman proporcionou. (OLIVEIRA, 2009 apud CORRÊA, 2013, p.17)

Posterior à Kodac nasce a Polaroid, “primeira câmera instantânea da história” buscando a solução para o tempo que demorava os processos de revelação das máquinas analógicas.

A Polaroid produz fotos sem negativos. A luz entra em contato direto com o papel fotográfico sensibilizado com sais de prata e a câmera expõe uma foto preta, que depois de 60 segundos revela a imagem (posteriormente, este tempo foi reduzido para 10 segundos). A fotografia produzida é uma imagem única, sem possibilidade de reprodução, de baixa qualidade. (CORRÊA, 2013, p.19)

No entanto a Polaroid também teve seu trono desbancado, e quem a substituiu foi o digital. As primeiras imagens digitais vêm da Guerra fria, do programa espacial norte

americano, mas foi a Kodak em 1975, que apresentou o primeiro protótipo de uma câmera sem filme baseada no sensor CCD da Fairchild.

A tecnologia digital mudou completamente o curso da fotografia, e ao longo das décadas de 1990 e 2000 as câmeras fotográficas se desenvolveram e continuam se desenvolvendo até os dias atuais. “Se tornaram compactas, automáticas, passaram a desempenhar múltiplas funções (filmadora, webcam), receberam cartões de memória capazes de armazenar centenas de fotos e suas imagens passaram a ser gravadas em resoluções muito altas” (CORRÊA, 2013, p.22)

Ao longo dos anos foram desenvolvidas também, várias técnicas sobre o ato de fotografar. As técnicas mais básicas são: Enquadramento e composição de um plano, que correspondem ao perímetro de apresentação e elementos que compõe o interior da foto, e os planos da foto, referentes a representação tridimensional de uma imagem, que trás a noção de profundidade de campo. Esses elementos técnicos são características básicas de uma fotografia, mas não precisam necessariamente ser respeitadas, já que fotografia também é entendida como linguagem.

Utilizar ou não essas regras ficam à consideração de cada fotógrafo, em nome da liberdade criativa, No entanto conhecê-las permite-nos ter soluções tradicionais que tendem a melhorar as imagens, sobretudo se utilizarmos a fotografia não apenas como manifestação artística, mas como modo de transmitir eficazmente algum conceito de ou informação. (DALY, 2000, p.18)

6.2 A FOTOGRAFIA COMO LINGUAGEM

A visão faz parte dos cinco sentidos natural do ser humano, que se manifesta logo nos primeiros anos de vida. Antes mesmo da linguagem se desenvolver, um bebê desenvolve sua capacidade cognitiva através das cores, pelo efeito da luz e posteriormente pela associação de imagens. Instintivamente, o aspecto cognitivo visual faz parte do animal humano, e por isso absorvemos mecanicamente a interpretação do mundo visível.

A imagem é uma extensão da visão. Através dela representamos e interpretamos o mundo visível e nos situamos nele (por isso temos um “ponto-de-vista”). A imagem materializa a dimensão mágica da nossa percepção do mundo que não poderia ser expressa por palavras de forma tão imediata (FLUSSER, 2002 apud GURAM, 2012, p. 16 - 17)

A partir daí lê-se imagens como parte do processo construtivo de reconhecimento humano, cognitivo e cultural. Pois através dela associamos com maior fidelidade nossas impressões reais sobre as coisas.

Por natureza, todos os homens desejam conhecer. Prova disso é o prazer causado pelas sensações, pois mesmo fora de qualquer utilidade nos agradam por si mesmas e, acima de todas, as sensações visuais. Com efeito, não só para agir, mas ainda quando nos propomos a nenhuma ação, preferimos a vista a todo o resto. A causa disso é que a vista é, de todos os nossos sentidos, aquele que nos faz adquirir mais conhecimento e que nos faz descobrir mais diferenças. Aristóteles na Introdução da sua 'Metafísica', obra seminal do pensamento filosófico. (GURAM, 2012, p. 16)

Historicamente, em 1826, nasce um modo de reproduzir imagens, pelo francês Joseph Niépce, que criou a primeira reprodução de uma realidade num material foto sensível através da câmera escura. Esse modo de reprodução, no entanto “só pôde ser declarada “inventada”, e só se constituiu como linguagem, quando a transformação do material sensível foi controlada e interrompida”. Pois inicialmente as realidades captadas e reproduzidas sofriam alterações devido à exposição da luz.

Após sua invenção a fotografia foi rapidamente aceita como ferramenta de investigação, principalmente no campo de conhecimento das ciências.

O Frances Wey, presidente da Sociedade dos Homens de Letras da França e editor na revista La Lumière, chegou a afirmar, na edição de fevereiro de 1851 da sua revista que “uma heliografia medíocre é sempre preferível, tanto no seu acabamento quanto no detalhe, à mais bem sucedida gravura”. (GURAM, 2012, p. 18 - 19)

Esse reconhecimento no campo da ciência, porém, adota a exigência técnica da fotografia e estabelece a distinção entre a foto científica e artística. Pontuando a problemática da polissemia das imagens, composta pela recepção do observador que constrói a foto e a interpretação do leitor, baseado nas suas referências de mundo.

Nas representações científicas deve ter-se em conta, na medida do possível, o seguinte: devem descartar se os enfoques artísticos e utilizar-se os pontos de vista frontais; deve se escolher uma iluminação que venha da frente, para evitar efeitos prejudiciais de contraste; as objetivas devem estar livres de aberrações esféricas e não devem ser excessivamente angulares. Artigo publicado em Berlin pelo antropólogo e fisiologista alemão Gustav Fritsch (GURAM, 2012, p. 24)

O Século XIX então é marcado pela técnica, que atribui às imagens características específicas para serem estudadas. Um trabalho notório deste período é a “coleção de imagens do suíço Luis Agassiz sobre a população negra e indígena do Brasil no século XIX”. (GURAM, 2012, p. 26)

O ocidente passou, no entanto por uma reestruturação visual, e a imagem passou a ter uma relação completamente diferente com o meio, principalmente pela utilização da fotografia na imprensa de forma geral. Não existem mais limites geográficos e o diferente pode ser visto. A indústria refaz o conceito de consumo da fotografia, barateando custos e simplificando os processos de reprodução.

Muda a visão das massas. Até então, o homem comum só poderia visualizar os acontecimentos que ocorreriam à sua volta, na sua rua, na sua cidade. Com a

fotografia abre-se uma nova janela par ao mundo. Os rostos dos personagens públicos, os acontecimentos que têm lugar em um mesmo país e além das fronteiras tornam-se familiares. Ao ampliar o campo de visão, o mundo encolhe. A palavra escrita é abstrata, mas a imagem é o retrato concreto do mundo onde cada um vive. (GURAM, 2012, p.29)

Nesse contexto nasce a fotografia documental “incorporada aos estudos etnográficos”, buscando o reconhecimento e descrição de pessoas, objetos, artefatos, rituais, lugares e estilos de vida. “Toda fotografia reconstrói seus lugares e personagens com base em códigos estabelecidos por alguma tradição” (Entler, 2007, p.30). A fotografia se transforma em produto, que reproduz a comunicação de massa, estrategicamente utilizada para construir modos de viver.

A ideia da fotografia como produto é a linguagem predominante na publicidade. Ela possui a funcionalidade cognitiva do ser humano como espécie, tem sua reprodução fundamentada na realidade de acordo com o conhecimento científico, e constrói realidades a partir de recortes propositalmente elaborados para gerar ideias pré-estabelecidas.

Essa linguagem abrange ainda um parêntese documental, pois se trata de uma “tomada de posição do autor” que se difere da fotojornalismo, pois esse “tem como objeto o fato jornalístico, ou seja, a notícia” de forma neutra, sem tender a nenhuma posição específica, “como raramente vemos na imprensa atual”. Documentação fotográfica: uma pintura do mundo real feita por um fotógrafo cuja intenção seja comunicar algo de importância – fazer um comentário – que será entendido pelo observador. (GURAM, 2012, p.45)

Nessa gama de vertentes, a fotografia se inscreve como linguagem, e se estabelece como arte, ciência e como ferramenta para criar e manusear representações e fatos.

A fotografia foi ganhando progressivamente personalidade própria, construindo um campo de ação social e ocupando um lugar mais dinâmico na vida das pessoas sem perder, no entanto, o seu espaço na construção da memória individual e social e na representação de si, materializado pelo retrato. (GURAN, 2012, p.46)

Dessa maneira, e numa abordagem publicitária, tratamos aqui a fotografia como um recorte de espaço e tempo, construído a partir da ideia do autor, ou seja, fora do processo de produção da imagem propriamente dito. Com intuito de provocar o consumidor, no caso os atletas e curiosos, numa realidade construída pelas imagens, se utilizando da persuasão, intrinsecamente arraigada a foto.

A persuasão está presente em toda e qualquer mensagem, independente de seu propósito ou objetivo, uma vez que, como afirma Peruzzolo (2009) toda comunicação é essencialmente persuasiva. Desta forma, torna-se ferramenta essencial para o comunicador, cujo comprometimento é manejá-la de maneira adequada com a finalidade de fazer sua mensagem se mostrar ao seu público. (RIBEIRO E SALBEGO, 2004, p.2)

6.3 FOTOGRAFIA ESPORTIVA

A fotografia de esportes é um grande desafio para quem deseja registrar quaisquer esportes. Aqui vale passar por essa vertente, de forma bem superficial, não necessariamente pela retratação das imagens elaboradas, porque as fotos se equivalem do esporte, mas visam sobre tudo captar os ambientes da prática desportiva. Mas porque esteticamente, talvez seja interessante, conhecer o esporte a ser fotografado, para capturar os melhores ângulos e trabalhar os melhores enquadramentos.

Antes de tudo vale ressaltar que a fotografia de esportes só foi possível com o desenvolvimento do digital e com os avanços tecnológicos do século XX.

As imagens fotográficas esportivas, particularmente as de ação, são benesses dos avanços tecnológicos do século XX, como o formato 35mm, objetivas claras, flashes, visores; em geral, câmeras eram mais 'confiáveis'. (BONI, 2015, p.39)

Não existe nem uma definição ou um estudo histórico sobre a técnica de fotografar esportes, sabe-se somente que a popularidade dessa vertente era desenvolvida especialmente para imprensa, “a imprensa abriu caminho para as fotografias substituindo as ilustrações desenhadas por fotografias com alto nível de qualidade e autenticidade” (BONI,2015.).

Claro que essa premissa mudou perceptivelmente, já que atualmente é comum ver imagens esportivas sendo utilizadas especialmente no meio publicitário. E essa mudança de comportamento midiática não tem mais caráter apenas retrativo, passou a agregar valor utilitário de objeto de desejo. “A publicização atual pouco trabalha os valores de uso de seus produtos e muito valoriza a sua estética, propagando valores emocionais e sociais por entre seus consumidores”. (RIBEIRO, SALBEGO, 2004, p.5)

Assim se ganha espaço para trabalhar esse estilo de diferentes formas, sem desprender-se do seu domínio técnico e da sua necessidade de equipamentos próprios para captação de bons materiais.

Não se sabe ao certo sobre os primeiros registros fotográficos da escalada, mas através da sua história, sabe-se que em 1876 ocorreu à ascensão ao Mont Blanc, um marco na história da escalada que abria espaço para produção de um “universo cultural próprio” onde, “o alpinismo mundial se encheu de grandes obras pictóricas, literárias, fotográficas e cinematográficas”. (DAFLON, 2014 apud DESNÍVEL, edição 1422).

Dessa época pressupõe que nasceram os primeiros registros fotográficos do esporte, que não era voltado para a prática desportiva em si, mas para auto-retratos e amostragem de montanhas e morros, cujo cume tinha sido ascendido por montanhistas.

Figura 03 -- Stephen Venables: The Legend of Eric Shipton



Fonte: <http://www.thelowry.com/event/stephen-venables-the-legend-of-eric-shipton#OifofzwhmuETtuwh.99>

Figura 04 -- Detail, Panorama from the shoulder of Pumori



Fonte: Shipton, Eric. Everest: The 1951 Reconnaissance of the Southern Route. *The Geographical Journal*. 1952 Jun;118(2): 117–141. Link: <http://www.codex99.com/photography/118.html>

6.4 ESCALADA OU ALPINISMO

Escalada ou Montanhismo consiste na prática de subir alguma parede rochosa, bloco ou muro artificial. O objetivo é alcançar o cume ou topo.

A escalada pode ser praticada diretamente na natureza, em montanhas e paredes rochosas ou em muros artificiais em academias indoor.

Existem diferentes modalidades de escalada, entre elas temos as seguintes, de acordo com a Associação Caxiense de Montanhismo:

- Escalada em Livre Tradicional: Progressão por uma parede de rocha utilizando somente os apoios naturais (agarras) da pedra.
- Escalada Esportiva: Progressão por uma parede de rocha utilizando proteções fixas, vias (caminhos) curtas e normalmente de alta dificuldade.
- Escalada esportiva em estruturas artificiais, ou indoor: Progressão por uma parede com agarras artificiais de resina.
- Boulder: Seqüências de movimentos difíceis, sobre blocos baixos e sem a utilização de cordas de proteção.
- Progressão Artificial em Rocha ou móvel: Ao contrário do que acontece em uma escalada em livre, escalar artificialmente significa utilizar o equipamento como apoio para progredir na via.
- Big Wall: Uma grande escalada passa a ser um big wall, se uma equipe é obrigada a pernoitar ao menos uma noite no meio da parede, ou seja, uma escalada de vários dias.
- Escalada Alpina: Paredes inóspitas de difícil acesso, terreno complexo e clima severo são as principais características dessa modalidade.
- Alta Montanha: Escalada dificultada pelos efeitos da diminuição da pressão atmosférica. Normalmente acima de 4000m de altitude.

Muitas civilizações nasceram nas montanhas, por isso não é possível dizer ao certo quando surgiu o montanhismo no mundo. No entanto somente em 1336, foi registrado “a primeira impressão escrita do homem sobre o alto de uma montanha” por Francisco Petrarca, um monge da cidade de Avignon, que ascendeu ao cume do Mont Ventoux (1.912m), na França. Esse registro deu a ele o título de pai do montanhismo.

Muitas outras ascensões foram relatadas e comprovadas ao longo da história, mas somente séculos depois ocorreu o marco histórico do montanhismo, com a ascensão de Jacques Balmat e Michel Gabriel Paccard ao Mont Blanc, segunda montanha mais alta da Europa, com 4.810 metros de altitude, localizada entre as regiões do Vale de Aosta, na Itália e Haute-Savoie, na França em 1785. A escalada ao Mont Blanc representa um importante acontecimento na história do montanhismo, porque desmistifica as montanhas e gera um movimento que mais tarde consolidaria o montanhismo como esporte e proporcionaria as primeiras grandes obras.

A partir de 1786, nada mais parou a busca da beleza que existe nas montanhas. A primeira ascensão ao Mont Blanc foi um grito no cume, cujo eco se estendeu por todo o mundo e que trouxe em seguida novas ascensões. Calou-se ali onde estavam preparados para entendê-lo. As repetições ao Mont Blanc e primeiras ascensões a cumes alpinos mais acessíveis, deram passo a objetivos mais desafiantes. Mas, acima de tudo, veio algo muito mais importante. Então, e não antes, se desencadeou um movimento que trouxe consigo um universo cultural próprio. Graças a ele, o alpinismo mundial se encheu de grandes obras pictóricas, literárias, fotográficas e cinematográficas. (DAFLON, 2014 apud DESNÍVEL)

Na segunda metade do século XIX começam a surgir estruturas para facilitar à subida aos Alpes, mas essas e outras estruturas construídas eram motivadas pelos estudos científicos, já que “a alta montanha era um universo absolutamente novo, que despertava a curiosidade de pesquisadores dos mais diversos campos do saber” (DAFLON, 2014). Somente em 1850 o alpinismo passou a ser praticado como esporte, para se ter uma ideia “entre 1863 e 1865, foram registradas mais de 100 primeiras ascensões a cumes somente nos Alpes” (DAFLON, 2014). Este período inclusive ficou conhecido como os anos dourados do esporte de montanha. “Em 1886, cerca de três mil pessoas já haviam tentado o Mont Blanc, das quais aproximadamente metade chegou ao cume, entre elas 67 mulheres” (DAFLON, 2014).

No Brasil o alpinismo remonta o século XVII, mas a primeira escalada em solo brasileiro que se tem registro data de 1817, com a primeira ascensão ao cume do Pão de Açúcar (396m), no Rio de Janeiro, pela inglesa Henrietta Carsteirs, que fincou a bandeira de seu país no topo do morro. O marco da escalada no território, no entanto se deu em abril de 1912, quando “um grupo de teresopolitanos chegou ao cume do Dedo de Deus (1.675m), na Serra dos Órgãos, em Teresópolis” (DAFLON, 2014).

A popularidade da escalada seguiu os séculos seguintes com a conquista de várias montanhas e paredes que desafiavam a própria natureza. Entre as mais populares estão a face norte do Eiger (3.970m) na Suíça; Serra dos Órgãos no Rio de Janeiro; Everest (8.848m) na fronteira entre o Nepal e o Tibete; K2 (8.611m) no Himalaia; El Capitan na Califórnia, Fitz Roy na Patagônia argentina, entre outros.

Assim a escalada se difundiu por todo o mundo, e criou-se todo um universo em função do desporto. Várias tecnologias foram empregadas aos equipamentos em função de segurança dos montanhistas; Foram criadas várias academias de escalada indoor, cursos a fim de aperfeiçoar as técnicas do esporte e várias associações visando à organização e o desenvolvimento do mesmo. Foram escritos também, inúmeros livros, roteiro cinematográficos, e obras fotográficas, disseminando ainda mais a cultura da escalada que vive atualmente em ascensão no Brasil.

7 DIÁRIO DE BORDO

A ideia de um livro fotográfico sobre a escalada, veio em substituição a uma possível produção de um documentário sobre o desporto, prospectado em 2014, quando fiz a matéria Métodos e Técnicas de Pesquisa do 5º semestre do curso de publicidade e propaganda.

Desde que virei atleta no segundo semestre de 2014, sempre tive a certeza que o meu trabalho final de conclusão de curso fosse algo voltado para o meu esporte, principalmente porque o curso me proporcionava espaço para a feitura de um produto. Sendo assim, de imediato coloquei na cabeça que faria um documentário sobre a escalada.

Em setembro e outubro de 2014, nos dois primeiros festivais regionais que participei “Cocalcinhas” e “Rockcocal”, comecei a coletar o primeiro material para o que seria meu documentário. No final de 2014 e início de 2015 fiz minhas primeiras viagens para conhecer o desporto em outras regiões, Serra do Cipó/MG e Igatu/BA e continuei coletando material.

No segundo semestre de 2014 quando fiz a matéria Métodos e Técnicas de Pesquisa, escrevi todo o referencial teórico do TCC – Trabalho de Conclusão de curso, voltado para a ideia de fazer o documentário. Mas no segundo semestre de 2015 desisti da proposta em questão, por entender que não possuía técnica suficiente para a elaboração do projeto e por chegar à conclusão que o material coletado não poderia ser aproveitado; por questões técnicas de captação e por falta de planejamento referente às filmagens.

Posterior a este evento e com o auxílio do professor orientador Lourenço Cardoso que na época ministrava a matéria de fotografia básica nasceu à ideia de substituir a antiga proposta de TCC, por um livro de fotografia. O novo projeto me deixou satisfeita, pois além de conseguir fazer algo voltado para a escalada propriamente dito, talvez eu conseguisse aproveitar pelo menos as fotografias do material coletado anteriormente, o que acabou não se mostrando possível, já que era necessária uma justificativa mais específica para a delimitação do que poderia ser apresentado fotograficamente.

A resolução do que seria apresentado no livro fotográfico, acabou sendo definida somente no semestre presente, primeiro de 2016. Concluí que poderia utilizar esse projeto para fomentar e divulgar a escalada na região e país onde eu resido, que dispõe de uma variedade e diversidade de rochas com bastante potencial a ser explorado pelos escaladores do mundo inteiro.

Desde que defini o tema em fevereiro deste ano, passei a frequentar com mais assiduidade os “picos” de escalada da região. Mas encontrei algumas dificuldades recorrentes que interferiram notoriamente no resultado do trabalho.

A primeira e maior dificuldade encontrada foi relativa à condução, todos os lugares fotografados ficam a aproximadamente 100 km de distância de Brasília, e como não possuo carro, sempre fiquei a mercê das caronas de colegas e amigos praticantes do esporte.

Outro fator que influenciou completamente foi à logística em relação aos dias e horários. Normalmente escalamos no final de semana, já que o desporto principalmente de “vias” (uma das modalidades da prática de montanha) que correspondeu à maior parte do trabalho, exige uma logística maior, relativa a equipamentos, organização e tempo. A prática de escalar uma parede demanda no mínimo 30 minutos, dependendo da altura a ser escalada, que pode variar de no mínimo 10 m, e isso exigiu disposição de bastante tempo livre. Já os “boulders” (outra modalidade da prática de escalada) a dificuldade maior foi relativa aos horários, essa modalidade normalmente é praticada a noite, é era difícil captar boas fotos, motivo pelo qual, nessa sessão em especial as fotos tiveram uma qualidade diminuta.

Toda a feitura do trabalho foi um grande desafio, especialmente pela técnica exigida em relação à fotografia. A ausência de experiência também foi um fator decisivo em relação ao resultado. Descartei infinitos materiais, e isso foi importante para o aperfeiçoamento do trabalho ao longo do semestre.

Quando se fotografa também se expões muito, em especial quando se trata de fotografia esportiva. Vi-me em várias situações um tanto “perigosas” atrás de bons cliques e planos que correspondesse à proposta do trabalho.

8 FICHA TÉCNICA

Categoria: Livro Fotográfico

Tempo de produção: 6 meses

Câmera: Nikon D510

Lente: AF-S 18-55mm

Cartão de memória: SD 16G

Nº de páginas: 30 páginas

Formato: 540 x 380 mm aberto e 270 x 190 mm fechado

Impressão: Frente e verso, em papel couche (170g 4/4cores, policromia). Acabamento: Capa dura (Papelão, laminada, BOOP fosco, impressão 4/4 cores policromia).

Tiragem: 04 cópias

9 CRONOGRAMA

Descrição das Atividades	Fev/2016		Mar/2016				Abr/ 2016				Mai/2016				Jun/2016		Total de horas
	Semanas		Semanas				Semanas				Semanas				Semanas		
	1	2	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	3	
CARACTERIZAÇÃO DO PROJETO				x													8 horas
PLANEJAMENTO DE CAMPO					x	x											4 horas
DESENVOLVIMENTO (Teoria de Base: revisão da literatura relacionada; fundamentação teórica).							x	x	x								30 horas
VISITA DE CAMPO PARA FOTOS						x	x	x	x	x	x	x	x	X			46 horas
DIAGRAMAÇÃO										x	x	x	x	X			35 horas
REVISÃO TEÓRICA												x	x	X			15 horas
IMPRESSÃO															x		12 horas
APRESENTAÇÃO																x	
																150 horas	

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A feitura deste projeto visa à elaboração futura de outras tiragens, contemplando outras áreas de pesquisa, com os mesmos propósitos apresentados;

As fotos contempladas neste livro não apresentam todas as vertentes dos espaços registrados, e nem se equivale como guia ou croqui das linhas ou lugares de escalada da região em questão.

Todas as fotos são de responsabilidade legal da aluna, sendo, restritamente proibida sua veiculação ou reprodução.

O desenvolvimento de base utilizado no referencial teórico pode ser utilizado como referência para posteriores trabalhos ou artigos, observando que, a abordagem teórica contempla uma gama de conteúdos muito mais amplos, a pesquisa em questão foi elaborada apenas no intuito de fundamentar o desenvolvimento do produto em questão.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCALADA ESPORTIVA. **A ABEE**. [2015?]. Disponível em: <<http://www.abee.net.br/a-abee/>> Acesso em: 24 maio. 2016.
- BONI, Paulo César. **A Fotografia na Academia de formadora de imaginários coletivos à fonte de pesquisas**. Londrina: Midiograf. 2015.
- COLECIONADOR de lugares. 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/colecionadordelugares/?fref=ts>> Acesso em: 24 mai. 2016
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE MONTANHISMO E ESCALADA. **Sobre a CBME**. 2004. Disponível em: <<http://www.cbme.org.br/>> Acesso em: 24 maio. 2016.
- CORRÊA, Juliana Rosa. **A evolução da fotografia e uma análise da tecnologia digital**. Viçosa. 2013. Disponível em: <<http://www.com.ufv.br/pdfs/tccs/2012/JulianaCorr%C3%AAa.pdf>> Acesso em: 24 maio. 2016.
- DAFLON, Flavio e Cintia. **Escale melhor e com mais segurança**. 2014. 336p. Disponível em: <<http://www.companhiadaescalada.com.br/pt/mais/artigos/breve-história-do-montanhismo/>> Acesso em: 25 maio. 2016.
- DALY, Tim. **Fotografia digital: um guia prático**. Londres: Livros e Livros. 2000.
- DE rocha em rocha: a escalada em ascensão no Brasil. Porto Alegre: Esportivo da Fabico, 2015. Disponível em: <<https://esportefabico.wordpress.com/2015/06/22/de-rocha-em-rocha-a-escalada-em-ascensao-no-brasil/>> Acesso em: 24 maio. 2016.
- ENTLER, Ronaldo. A fotografia e as representações do tempo. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 14, p. 29-46, dez. 2007.
- FRÓIS, Douglas. **Fotografia: luz e linguagem**. 2009. Disponível em: <<http://luzlinguagem.blogspot.com.br/2009/01/fotografia-luz-e-linguagem.html>> Acesso em: 25 maio 2016.
- GURAN, Milton. **Documentação fotográfica e pesquisa científica notas e reflexões**. Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia. 2012. Disponível em: <http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/doc_foto_pq.versao_final_27_dez.pdf> Acesso em: 24 maio 2016
- PORTO, Gabriela. **Irmãos Lumière**. [2006?]. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/irmaos-lumiere/>> Acesso em: 24 mai. 2016
- RAPP, Tomás Gridi. **Modalidades de escalada e montanhismo. 2008**. Disponível em: <<http://www.acm-rs.org.br/portal/index.php/a-associacao-1/area-tecnica/38-modalidades-de-escalada-e-montanhismo>> Acesso em: 27 maio 2016.
- RIBEIRO, Diego Lombardi; SALBEGO, Juliana Zanini. **Apoteose: uma discussão sobre a relação entre a persuasão e publicidade na fotografia publicitária**. 2014. Disponível em:

<<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2015/resumos/R45-0233-1.pdf>> Acesso em: 24 maio. 2016

PRZ, Peruzzo. Bibliografia cedida pelo autor a Yana Monteiro [29 maio de 2016].